

RESENHAS

LEITE, M. de P. e NEVES, M. de A. Trabalho, Qualificação e Formação Profissional. SÃO PAULO/RIO DE JANEIRO: ALAST, 1998.

Por Mariana Veríssimo

"A ARTE DO DESCANSO É UMA PARTE DA
ARTE DE TRABALHAR".
(JOHN STEINBERCK)

O livro em questão se propõe a lançar um novo olhar sobre as segmentações do mercado de trabalho visando compreender as dificuldades vivenciadas pelos setores menos privilegiados da sociedade. Os artigos que compõem essa coletânea tratam do tema da qualificação e formação profissional no final do século XX associado ao processo de transformação pelo qual o mundo vem passando. Não se trata mais de abordar este tema do mesmo ponto de vista de que era abordado na década de oitenta - quando se vivia um momento em que o mercado formal de trabalho era o grande foco - mas trata-se de buscar compreender o que vem acontecendo com o conjunto da força de trabalho.

Composto por 12 textos distribuídos em quatro partes, sendo que a primeira discute as questões teóricas, propriamente ditas, relacionadas ao tema, vale enfatizar que o conjunto dos textos guarda estreita relação com a problemática da qualificação, que coloca para a formação profissional uma importância inusitada. Neste sentido, é preciso lembrar que ambos os textos procuram demonstrar que cai por terra o vínculo, que se manteve até a década passada, entre qualidade do emprego e qualificação do trabalho.

O livro atinge os objetivos a que se propõe uma vez que os textos que o compõem avançam na discussão de questões mais evidenciadas pelos estudiosos da temática em questão. A propósito, cabe destacar as contribuições trazidas por Philippe Zarifian, que apresenta questões inovadoras ao abordar o 'enjeux' no novo modelo de organização industrial; Trata-se de uma questão que possibilita avanços significativos na discussão

sobre a reestruturação produtiva bem como sobre a superação ou não do taylorismo-fordismo.

Em um texto sintético, mas contundente, Zarifian assegura que no interior das empresas é o olhar taylorista que persiste, porque as tarefas continuam sendo prescritas e a norma é a noção central deste enfoque sobre o trabalho, o que requer conformidade com a prescrição das tarefas. O autor insiste que, embora a forma de controle no trabalho atual seja feita através de estabelecimento de objetivos, isto também é altamente alienante porque os trabalhadores não participam das decisões sobre tais objetivos.

Sem negar a evolução das grandes empresas no sentido de se empenhar para capacitar seus funcionários e exigir deles maior autonomia e iniciativa, fica claro que a tendência à prescrição não cedeu seu lugar a nada de “novo”, e que “não é ao indivíduo que se associam as competências de autonomia e responsabilidade; é sempre o cargo que tem necessidades de autonomia e de responsabilidade. A competência exigida pelo cargo continua a determinar a competência adquirida pelo indivíduo”. O maior investimento em qualidade, segundo Zarifian, é capacitar o trabalhador ver sempre o novo que existe nas “coisas”, ou seja, dominar, controlar o imprevisto, o “evento” no momento em que acontece, e isto pressupõe engajamento e responsabilidade. Visto dessa forma o trabalho ganha um novo aspecto.

O texto nos apresenta uma questão singular que é um novo enfoque do tempo que não está mais submetido à produção, mas à qualidade do trabalho. A grande contribuição da análise de Zarifian está exatamente na relação que ele estabelece entre os problemas vividos pela empresa e pela sociedade. Segundo o autor a *sociologia do trabalho, tomada ao nível da empresa, encontra sempre, num dado momento, os problemas da sociedade.*

O texto seguinte, escrito por Paiva, Potengy e Guaraná, aborda a questão da formação da identidade individual e coletiva dos trabalhadores, das mudanças na sociedade e das conseqüências da crise do trabalho para a estrutura das identidades. As autoras consideram a possibilidade de que o consumo seja o elemento fundamental na geração do sentimento de pertencimento e não mais o trabalho. Elas concedem ao consumo o lugar de organizador das relações sociais com capacidade de tecer novas identidades, sendo que e ao trabalho restaria um papel sem evidência. Trata-se de um texto polêmico no qual as autoras reafirmam a discussão feita pelos autores OFFE, HABERMAS, GORZ, entre outros, que, na década de oitenta, questionavam a o trabalho como categoria central para a análise da

sociedade. A respeito dos desdobramentos que se seguiram à esta polêmica é importante destacar que diversos autores reafirmaram o lugar central do trabalho para as análises sociológicas. Dentre os autores que fazem tal reafirmação, destaca-se Helena Hirata (1993), que considera importante que se veja como 'trabalho' não só a atividade produtiva industrial, visto que esta entrou em falência, mas também outras atividades extremamente diversificadas, como o trabalho no setor de serviços e o trabalho doméstico. Da mesma forma Ricardo Antunes (1995) relativiza a análise de Offe ao considerar que a *classe-que-vive-do-trabalho* não se restringe mais aos trabalhadores do chão da fábrica, mas atinge mesmo os níveis da gerência e não exclui os desempregados. A abordagem que as autoras fazem comporta a análise do trabalho no espaço das relações econômicas apenas, mas se esquece das amplas possibilidades que ele oferece de se estabelecer relações culturais e simbólicas

As outras 3 partes são compostas por textos que, embora não tenham sido contemplados nesta resenha, da trazem também contribuições significativas para o aprofundamento teórico da temática da qualificação e da formação profissional: as cadeias e o mercado de trabalho, o debate sobre a constituição dos blocos econômicos e a ação sindical no Brasil.

Finalmente, este conjunto de textos instigará reflexões e alimentará os debates a respeito das novas exigências educacionais e de trabalho, a partir das mudanças introduzidas pela globalização e a reestruturação produtiva. Ele deixa ao leitor uma série de perguntas e respostas para a dinamização de um debate crítico sobre as relações sociais e políticas a que esse processo de transformações nos está conduzindo e a que tipo de sociedade ele está nos encaminhando.